

RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER

**PROBLEMAS ANÍMICOS ATUAIS  
ATRAVÉS DE UM ENFOQUE  
PSICOLÓGICO-ESPIRITUAL**

*Conferência ditada na A.D.C.E.A  
em 1958*

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



# **PRIMERA CONFERÊNCIA**

**13 de junho de 1958**

## **A ANGÚSTIA EXISTENCIAL DO HOMEM DE NOSSO TEMPO NA BUSCA DE UM SENTIDO DE VIDA**

### **ANGÚSTIA: TEMA DE NOSSO TEMPO**

Caracteriza o homem de nosso tempo um tipo especial de vivência que nos acostumamos a chamar de angústia existencial. Muitos vivem esta angústia sem poder explicá-la, outros especulam sobre ela, mas uns e outros se encontram desorientados e impotentes para encontrar uma verdadeira solução e a paz anelada.

Fala-se desta angústia nos livros, no cinema, nas conversas das pessoas: em uma palavra, é tema de nosso tempo, vivência e sentimento de nosso tempo.

Existe um clamor oculto nas almas angustiadas, em busca de um sentido da vida, de um encontro consigo mesmas. Cansadas de andar pelos caminhos incertos, as almas pedem hoje um “pão de vida”. E assim se vêem muitíssimos seres que vão de um caminho a outro, de um mestre a outro, de um livro a outro, de uma instituição a outra, em busca de algo íntimo, sem encontrar mais que decepções e desconcertos.

Muitos buscam nas religiões, nas filosofias, nas experiências sociais ou culturais. Não negamos o valor das experiências que possam ser recolhidas por esses caminhos, mas a realidade é que “todo aquele que bebe dessas águas volta a ter sede”.

Chega um momento na evolução da alma em que esta se torna consciente de que nenhuma instituição da cultura humana pode preencher suas ânsias íntimas. A alma tem direitos que lhe são próprios: o direito de possuir a *verdade*, o direito de ter um contato com a *vida verdadeira*, o direito da permanência, direito à liberação.

E se carecer de todas estas coisas que são um “pão vivo”, sofre de angústia, por falta de alimento espiritual.

### **Como se manifesta a angústia ante a compreensão racional?**

Tentaremos compreender algumas formas em que se manifesta esta angústia existencial, fazendo a ressalva de que essa compreensão não significa penetrar em sua raiz íntima.

#### **1. Dificuldade para encontrar o sentido da vida**

A razão, cuja finalidade é compreender, captar o ser das coisas, se detém angustiada quando não pode compreender o sentido da própria vida do homem.

#### **2. Consciência de conviver com moldes culturais velhos**

Muitos seres têm consciência de que estão vivendo em moldes culturais velhos (raça, família, religião, leis sociais) que são respeitados por temor ou por dever, mas que são inadequados para satisfazer as inquietudes espirituais íntimas.

Mas, não se deve pensar que se trata de um problema exclusivamente social e que, mudando o marco social, tudo se solucionará. O homem não pode ser reduzido a uma fórmula social, porque não existe sociedade no mundo, por perfeita que seja, que possa preencher as aspirações mais profundas da alma - que são de uma ordem suprassocial.

#### **3. Consciência de viver em moldes alheios**

Muitos seres convivem no marco da família, do colégio, do escritório, do negócio, da profissão, etc. Mas quando, ao longo dos anos se detém para olhar, dão-se conta de que viveram um molde alheio e não o próprio. Podem ter obtido experiências valiosas no trabalho, na profissão, no estudo, mas

enquanto a alma não fizer a experiência dentro do molde que lhe seja próprio, terá a angústia de uma falta de contato ou de reencontro consigo mesmo.

#### **4. Consciência das contradições**

O reconhecimento da existência de contradições dentro de si mesmo que não podem ser aceitas como fins de per si nem tampouco ser superadas, é uma das fontes da angústia do homem racional. Como harmonizar o bem e o mal, as tendências instintivas e as aspirações espirituais? A alma se debate muitas vezes entre tais aspectos opostos, sem encontrar o justo ponto de conciliação.

#### **5. Angústia frente à multiplicidade**

Frente a tantas ideias diversas, a filosofias opostas, a religiões contraditórias, muitas almas se desorientam e confundem. Não haverá alguma chave ou ponte de passagem entre umas e outras? Não será possível encontrar a unidade em meio da multiplicidade?

#### **6. Crise de comunicação interpessoal**

É o sentimento de encontrar-se sozinho nas grandes multidões. De não poder encontrar um verdadeiro laço de comunidade com os demais.

### **Compreensão genética da angústia existencial**

Havendo feito uma descrição fenomênica da angústia, tentaremos compreender agora sua gênese.

Penso que sua origem é sobretudo interna, uma crise de desenvolvimento que se revela hoje em dia através da profunda crise da sociedade e da cultura.

Toda a chamada cultura humanística atual não pode dar nada para realizar as aspirações de “ser plenamente homem” e é impotente para dar soluções vitais: dá verdades de conhecimento, mas não verdades de salvação.

É verdade que a filosofia moderna progrediu na especulação da problemática existencial. Mas não oferece um caminho vivo de realização integral para superar a angústia.

O mesmo ocorre com a psicologia, que desvelou os “mecanismos” profundos da alma, mas é impotente para ajudar os homens a encontrar o sentido da vida.

Ainda mais, a vida tal como hoje a vivemos não responde à verdadeira qualidade vital que muitos homens gostariam de realizar sobre a Terra. O que chamamos vida, é uma “vida-para-a morte”. Nossa vida é uma vida que vai em direção à entropia, isto é, que à medida que se desenvolve, não podemos recuperar: escapa-nos das mãos...

Em resumo, o que faz falta ao homem de nosso tempo?

O que faz falta é um contato da vida com um germe espiritual supravital, que é o único que pode dar à vida um valor permanente, que lhe permita renovar-se a si mesma em forma criadora, sem esgotar-se.

O que muitas almas anelam, hoje em dia, é um contato com uma *verdade viva*: não um contato intelectual com verdades que se fazem acessíveis à razão, nem uma adesão sentimental a uma doutrina ou a um dogma, mas uma verdade que se faça vida, carne e sangue.

Este clamor é próprio das épocas chamadas messiânicas. E, no momento atual, muitos seres pressentem o advento de uma nova Divina Encarnação, não tanto como fato histórico exterior, mas como realidade de uma força espiritual que nasce dentro de si mesmo, que encarna e vive no próprio ser.

Em resumo, o que faz falta ao homem atual não é uma nova sociedade, uma nova verdade, uma nova cultura, nem um novo Messias, enquanto todas essas coisas forem externas a si mesmo. O que importa é realizar primeiro o valor de *Ser-Homem* porque somente a partir desta nova posição se pode pensar em termos de uma nova sociedade ou de uma nova cultura.

A mitologia grega conservou em forma simbólica o grande problema humano da perda e da recuperação da vida, no relato de Teseu, dentro do Labirinto de Creta.

Segundo este mito, todos os anos eram sacrificados ao Minotauro - monstro que habitava no interior do labirinto - cem jovens atenienses. Ninguém podia liberar a cidade de tal tributo, pois aqueles que penetrassem no labirinto com a intenção de matar o monstro se perderiam nele, sem encontrar a saída, até aparecer Teseu, valendo-se da engenhosidade de Ariadne. Esta lhe deu um fio que marcava o caminho de retorno, podendo assim matar o Minotauro.

A vida atual é um grande abismo coletivo, que como o monstro de Creta devora todos os dias o melhor da vida humana, sem que os seres que caem ali tenham a mais mínima possibilidade de retorno. É o tributo que os homens pagam à família, ao emprego, à religião, aos sentimentos, ao desejo, à multiplicidade das ideias. Quando o ser desperta e quer voltar a ser ele mesmo, se encontra aprisionado, desumanizado, perdido no caminho da multiplicidade.

O dilema do homem atual é entregar-se à vida e não poder recuperá-la.

Para isso, faz falta um esforço heróico e um novo fio de Ariadne que nos indique o caminho de retorno, a volta em direção a nós mesmos.

## **SEGUNDA CONFERÊNCIA**

**27 de junho de 1958**

### **SOLIDÃO DO HOMEM NA COMUNIDADE SOCIAL O HOMEM SÓ NAS GRANDES MULTIDÕES**

#### **A SOLIDÃO COMO PROBLEMA**

Assim como o homem atual está perdido mentalmente entre a multiplicidade das ideias e lhe custa muito trabalho encontrar a ideia única, também está perdido na ordem do sentimento. Em meio às coisas que o rodeiam, ao universo em que se encontra e, sobretudo, em relação com os demais seres, o homem de nosso tempo experimenta uma profunda solidão. Quantas vezes ouvimos dizer: “sinto-me só”, “tenho poucos amigos”, “fui perdendo minhas amizades”, “estou só em minha própria família”, “estou só no meio de uma grande multidão”, “sozinho entre meus amigos” ou “sozinho comigo mesmo”!

Que mistério é este? Que dificuldades tem o homem de nossos dias que, por outro lado, chegou a uma socialização bastante avançada, para sentir-se unido com os demais seres que o rodeiam? Como pode ser que o homem que se acotovela diariamente nas ruas das grandes cidades com tantos semelhantes e que convive socialmente em diversas instituições ou aspectos da vida, possa sentir-se só?

#### **A agrupação de homens não resolve o problema da comunhão**

Em primeiro lugar, devemos reconhecer que o “contato com outro” ou a “proximidade do outro” não é uma condição suficiente para lograr uma verdadeira comunhão. Não basta que os homens se reúnam em clubes, mutualidades, escolas e demais agrupações culturais, sindicatos etc., congregados por certos ideais afins, para sentirem-se realmente unidos. A prova está em que desde a pequena sociedade

familiar até as grandes instituições sociais, é frequente a dissensão e a luta de uns com outros.

Ricardo Güiraldes expressa em forma muito eloquente esta dificuldade de comunicação entre as almas, apesar da proximidade:

“O homem me deu a mão”

“A mulher, sua boca e seu sexo”

“Ainda não sabemos intercambiar almas...”.

É que uma coisa é a coexistência natural entre os seres, um “estar com os demais como se está com as coisas”, e outra coisa muito diferente é a comunidade real, fruto do amor verdadeiro entre os homens.

### **Necessidade vital da comunhão**

A comunhão das almas não é somente uma necessidade accidental, mas substancial, vital. O homem necessita fundamentalmente sentir-se unido aos demais e quando este sentimento de união não existe, a alma padece.

Por estranho paradoxo, apesar desta necessidade vital, a condição humana apresenta obstáculos à verdadeira comunhão. Por quê? Porque o homem ainda não é de todo homem, ainda não sabe amar... pelo menos uma boa maioria. Trata os demais como trata as coisas e, em maior ou menor grau, apropria-se disso. Quando isso acontece, e através da posse de um ser pelo outro, nega-se à liberdade individual da alma, provocam-se sofrimentos íntimos que, no final das contas rompem o sentimento de comunidade que se quis realizar.

## **O sentimento de comunidade é uma realidade suprassocial**

Poderíamos pensar que, talvez, todas estas dificuldades fossem exclusivamente de ordem sociológica e que não existiriam em um novo tipo de sociedade.

Muitos filósofos contemporâneos, entre eles Jaspers, reconheceram que todas as organizações sociais se encontram hoje sob o signo da luta e os seres têm dificuldades de convivência em toda parte e em todos os sistemas sociais. Não se trata de mudar os marcos da sociedade, mas de desenvolver no homem uma nova forma de amor, não possessiva, inspirada na renúncia. Somente o homem que souber amar encontrará em qualquer sistema social o vínculo que o una com os demais.

Desde a “República” de Platão até nossos dias, os sociólogos fizeram diversos ensaios do que poderia ser uma sociedade perfeita, mas é difícil plasmar tais “utopias” sobre a Terra, enquanto o homem não for realmente homem e capaz de sentir-se unido aos demais por um amor compartilhado.

## **A angústia da solidão**

Uma vez reconhecida a realidade dessa solidão do homem, dentro da comunidade em que vive, devemos perguntar-nos que atitude tomar ante ela.

Existe alguma possibilidade de fazer vibrar essa nova corda íntima do sentimento que nos permita chegar ao sentimento de união com o corpo da humanidade?

Existem diferentes caminhos ou atitudes que são aconselhadas para enfrentar a solidão: há quem diga que é preciso resistir à solidão através de um esforço de vontade. Mas, este voluntarismo intelectualista, se bem satisfaça a ânsia de poder, deixa um tremendo vazio no coração e não dá ao homem a capacidade de amar.

Talvez escape da solidão - e cada um escapa segundo os meios de que dispõe. Alguns se refugiam no passado e outros se comprazem nas possibilidades do futuro.

Outros se perdem na conversa inútil, nas distrações, no álcool, no sexo..., mas existem outros escapes ainda mais sutis e que não estão ao alcance de todo o mundo, tais como viagens frequentes, reuniões elegantes, trabalho desmedido ou acúmulo insaciável de conhecimentos ou de sensações refinadas...

A finalidade é estar sempre ocupado e tendendo a uma meta que se desloca constantemente. Quando conseguem algo, em seguida deslocam a meta vários anos para frente e até limites além do termo lógico de vida. Mas, a coisa é “viver de distâncias” como diriam os filósofos existencialistas. O que é uma forma muito “existencialista” de eludir o presente e de não assumir, em um momento determinado, a totalidade da vida.

Porém, no fundo, esta atitude é natural no homem, pois temos medo de solidão íntima. Apenas a alma toma contato com esse centro negativo que é a solidão, se lança a novas ações positivas, ante o pressentimento de que a solidão possa ser aniquiladora.

O homem não está acostumado a estes aspectos negativos que constituem a contraparte de sua vida ativa e, no entanto, o resistir à solidão é o primeiro passo para chegar a uma verdadeira transcendência na ordem do sentimento: da solidão se passa então à comunhão.

Para dar este passo, este salto transcendente, faz falta algo mais que uma vontade firme, faz falta uma *mística*.

A mística é um sentimento que permite ao homem, reconhecendo sua própria fraqueza, abrir-se na atitude de reverência, no centro obscuro e transcendente de seu mundo interior. O ser, em sua solidão, se entrega à divindade que mora nele, e se estabelece entre o coração do homem e Deus um laço de comunhão que rompe a solidão e transcende.

Quando se despertou este novo sentimento, íntimo, o homem já não está só e sua relação com os demais se faz profunda e verdadeira.

Mas, é preciso dar-se conta claramente de que para ter um real contato com o corpo da humanidade, o homem tem que ter primeiro um contato com as fontes primárias da vida que há em seu interior.

O que faz falta hoje em dia é poder penetrar no mistério íntimo do coração e ser impregnado de uma força de sentimento genuíno. E quem possuir esta força de amor poderá conviver em qualquer tipo de comunidade.

O homem de nosso tempo necessita uma nova mística para poder adquirir a verdadeira hierarquia de homem, que supõe sua união com o corpo total da humanidade.

É inútil andar dando voltas nos pequenos círculos da família, da nacionalidade, da raça, da religião, dessangrado-se em lutas intermináveis pelo predomínio... Faz falta engrandecer nosso coração através de um contato real com a divindade para encontrar assim a *palavra perdida* que nos permita comunicar-nos com todos os seres, sem exceção de raças ou crenças e sejamos capazes de girar no grande círculo da humanidade.

# **TERCEIRA CONFERÊNCIA**

**11 de julho de 1958**

## **A PROBLEMÁTICA SEXUAL NO MOMENTO ATUAL**

### **REPRESSÃO E CASTIDADE**

#### **Diversidade de critérios frente à sexualidade**

Apesar de que os problemas vinculados ao sexo foram muito bem estudados hoje em dia, sobretudo a partir dos trabalhos de Freud e sua escola, a sexualidade constitui ainda uma preocupação para muitas pessoas que não sabem localizar-se bem frente a ela.

É frequente comprovar, tanto em doutos quanto em profanos, as opiniões mais contraditórias referentes ao sexo. A divulgação destas questões, em lugar de esclarecer mais as coisas, com frequência as confunde.

Existem doutrinas que consideram a sexualidade como uma função destinada exclusivamente à reprodução. O sexo, segundo esta concepção, está a serviço da espécie, e todo outro aspecto diferente deste, como o prazer, entra na ordem do vício ou do pecado.

Como veremos mais adiante, este critério trouxe na prática algumas vantagens e muitos inconvenientes.

Frente à concepção idealista que acabamos de considerar, levantam-se os sistemas que chamaríamos naturalistas, segundo os quais, o sexo é uma das tantas necessidades do organismo e deve ser tratado como os demais aspectos instintivos; isto é, que todo tipo de restrição seria antinatural.

Segundo este tipo de concepção naturalista, o sexo teria, além de sua função reprodutora, uma função de prazer.

Na prática, e dentro da problemática existencial do homem, ambas concepções, idealista e naturalista, se apresentam como atitudes extremas que não contemplam a totalidade das exigências instintivas e espirituais.

### **Aportes da Psicologia Médica**

Temos que reconhecer que os aportes mais importantes da ciência no referente ao sexo procedem da escola psicanalítica.

De acordo com suas concepções, o sexo é uma energia de características particulares, cujas fontes de origem estão no próprio organismo.

Esta energia sexual, sumamente poderosa, não somente pode ser canalizada através dos órgãos genitais, mas também pode expressar-se através de outros canais somáticos.

Um segundo aspecto muito importante, que devemos reter, é o de “constituição sexual”, isto é, a característica ou fórmula sexual própria que cada indivíduo traz ao nascer. Diz Freud: “Todo indivíduo traz ao nascer a semente de emoções sexuais que depois se desenvolvem”.

A potência e a qualidade sexuais são muito diferentes de um indivíduo para outro. Daí que não seja possível estabelecer leis ou normas gerais no que se refere à problemática do sexo.

Um terceiro conceito que nos foi dado pela ciência é o do “desenvolvimento sexual”, isto é, que a sexualidade não é uma energia que se desperta de repente na puberdade, mas que se desenvolve no tempo, passando por uma série de etapas ou níveis bem conhecidos até chegar ao que se conhece como sexualidade adulta normal.

A sexualidade infantil, o seja a sexualidade primária, inconsciente, está regida pelo princípio do prazer: este princípio é a lei natural da sexualidade inconsciente.

Não existem aqui limitações éticas de nenhum tipo e os objetos sexuais são geralmente incestuosos.

Se a sexualidade ficasse fixa neste nível, o homem não poderia conviver em uma ordem social civilizada. Para isso se requer a possibilidade de postergar a satisfação instintiva e de renunciar aos objetos infantis do desejo.

Se tal deslocamento evolutivo da libido não se produz, ocorrem gravíssimos transtornos no desenvolvimento da personalidade: a fantasia se impõe à realidade, os sonhos aos fatos e a neurose se instala como substituto de uma vida plena e feliz.

Ninguém pode fixar-se impunemente em uma etapa do desenvolvimento sexual. O sexo, no homem normal, deve passar do princípio do prazer ao princípio da realidade, isto é, ao que chamaríamos uma socialização do sexo.

Talvez possamos compreender, desde este ponto de vista, a severidade das leis de todos os tempos referentes ao incesto, para impedir que o homem fique fixo em uma etapa de subdesenvolvimento.

Diversos fatores, endógenos e ambientais, podem impedir que a sexualidade infantil chegue à etapa adulta.

Um trabalho de Freud surgido no ano 1930, “O mal-estar na cultura”, indica que os conflitos que o homem civilizado sofre, devido a seu sexo, derivam exclusivamente de uma cultura repressiva que deforma a instintividade natural, desde os primeiros anos da vida.

Os trabalhos de investigação psicológica realizados em culturas primitivas, como os de Margaret Mead em Samoa, parecem confirmar estes pontos de vista, pois se observa que nos povos onde não existe repressão não se produz nos jovens a chamada “crise de puberdade” que é considerada como artifício da civilização moderna.

## **Repressão e liberação sexual**

Se a repressão sexual origina uma patologia bem conhecida; se é causa de boa parte do nervosismo do homem moderno; se nas culturas não-repressivas o homem parece ser mais feliz - não é difícil antecipar qual poderia ser a solução mais imediata à problemática sexual: a liberdade sexual, o amor livre...

Nós conhecemos a experiência social realizada em séculos passados de uma cultura repressiva na ordem sexual e suas consequências. Mas, também conhecemos hoje a experiência que nos oferece uma cultura não-repressiva, onde a angústia e o nervosismo do homem não diminuíram, apesar da maior liberalidade sexual.

### **A sublimação**

Apesar de Freud haver destacado a importância do princípio do prazer e do gozo sexual direto, ele mesmo apontou a transcendência que no homem tem o que poderíamos chamar de “derivações culturais do instinto”, ou “desvios da libido em direção a fins mais elevados” - sublimação. Diz Freud:

“Precisamente os componentes do instinto sexual se caracterizam por esta capacidade de sublimação, de mudar o fim sexual por outro mais distante e de um maior valor social. Às contribuições de energias conseguidas deste modo para nossas funções anímicas, devemos provavelmente os mais altos êxitos civilizadores”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Freud, S. T. II. Página 200

## **Os três fins sexuais**

Além das funções reprodutora e de prazer, devemos reconhecer então na sexualidade uma função evolutiva que está a serviço do desenvolvimento superior do homem, não somente para alcançar uma etapa de socialização, mas também de espiritualidade.

## **A renúncia aparece como lei geral da evolução sexual**

Vimos que para a conquista do atual estado evolutivo foi necessária a renúncia (inconsciente) aos desejos mais animalizantes. Mas, cabe agora a pergunta: é possível continuar a evolução por uma renúncia consciente da sexualidade de prazer, que conhecemos como sexualidade adulta?

Freud dizia o seguinte:

“A plasticidade dos componentes sexuais, que se manifesta em sua capacidade de sublimação, pode constituir uma grande tentação de perseguir, por meio de uma sublimação progressiva, efeitos civilizadores cada vez maiores”.<sup>2</sup>

## **O conflito autenticamente humano na ordem sexual**

O homem - como diferença fundamental com o animal - não pode eludir, ante a consumação de sus desejos sexuais naturais, o olhar de sua consciência, que lhe exige, segundo o grau de evolução alcançado, um certo grau de sublimação instintiva.

Em outras palavras, o conflito autenticamente humano no tocante ao sexual, é o sentimento íntimo entre o sagrado e o profano, entre a pressão dos desejos naturais e uma exigência íntima, mais ou menos acentuada, de pureza. Esta pureza é algo

---

<sup>2</sup> Freud, S. T. II. Página 201

intrínseco do homem e não pode ser explicada simplesmente através das exigências dos costumes. Se os negros de Samoa não a sentem é porque não alcançaram o desenvolvimento espiritual suficiente para senti-la.

Cada homem deve afrontar com valentia e responsabilidade, a dualidade de sentimento que surge nele para encontrar, não uma solução geral mas íntima, que esteja de acordo com suas necessidades naturais e com a ética mais elevada.

### **Pureza e castidade**

Todo indivíduo normal, quando chegou a certo desenvolvimento anímico, tem certas exigências de pureza íntima e de castidade. Muitos jovens sentem a necessidade de serem castos, mas como a castidade se encontra desvalorizada no ambiente social, creem que são inadaptados ou neuróticos. E ao quererem pôr-se ao nível da maioria - não fazem senão sofrer mais.

Mas, a conquista da castidade não pode ser realizada simplesmente através de uma técnica, senão que é necessário para isso um amor superior. Santo Agostinho dizia: “Ninguém pode ser puro, se Deus não lhe der a graça necessária”.

### **Atitudes fundamentais frente ao sexo**

Resumindo todo o que foi dito até agora, podemos dizer que há três atitudes fundamentais no enfoque teórico e prático da sexualidade.

1. Conceção idealista: considera o corpo como um obstáculo ao desenvolvimento espiritual e concede ao instinto sexual somente a função reprodutora.
2. Conceção naturalista: para ela o sexo é uma das tantas necessidades do organismo; cumpre uma função reprodutora e de prazer; desde este ponto de vista não se justifica nenhuma restrição sexual.

3. Concepção integralista: além das funções reprodutora e de prazer, aceita uma terceira função evolutiva, segundo a qual a energia do sexo entra a serviço do desenvolvimento espiritual do homem. Sintetiza-se em uma expressão de Gandhi: “Todo indivíduo que anela um certo desenvolvimento espiritual deve restringir suas energias instintivas para penetrar no reino espiritual”.

Mas, esta restrição, inspirada por um sentimento íntimo de pureza, não tem nada a ver com a repressão do sexo fundada no temor. É, mais que isso, uma oferenda voluntária que o homem faz à divindade que leva em si mesmo, para chegar à sua verdadeira condição de homem.

# **QUARTA CONFERÊNCIA**

**18 de julho de 1958**

## **QUEDA OU ELEVAÇÃO: ALTERNATIVA EXISTENCIAL**

### **A QUEDA EM UM PLANO DE SUB-HUMANIDADE COMO PROBLEMA EXISTENCIAL DE NOSSO TEMPO**

Ainda que não tão familiar quanto os temas que tratamos anteriormente, o problema da “queda” tem uma importância extraordinária, sobretudo no momento atual, e se pode enfocar seu estudo a partir de diferentes pontos de vista.

Diz a Bíblia, falando do homem:

“E Jehová o tirou do horto do Eden, para que lavrasse a terra de que foi tomado. Lançou pois fora o homem, e pôs no Oriente do horto do Eden querubins, e uma espada acesa que se revolia para todos os lados - para guardar o caminho da árvore da vida”<sup>3</sup>.

Apesar de todos os descobrimentos da ciência moderna e das especulações da mente racional, o conteúdo simbólico desta passagem permanece como um enigma ante os olhos dos homens.

O tema da queda também foi preservado através da tradição primitiva, isto é, através dessa grande fonte onde se conservam, em forma de símbolos e lendas, os grandes mistérios da vida.

---

<sup>3</sup> Gênese. 3: 23-24

Assim, temos na mitologia grega, o Mito de Prometeu que é um Titã que rouba o fogo do carro de Apolo - e é precipitado para a terra, encadeado e suas entranhas devoradas por um abutre.

Platão, que conservou em seus escritos parte da sabedoria antiga, relata o seguinte:

“As almas humanas, antes de viverem neste mundo, e antes de alojarem-se cada uma delas em um corpo de homem, viviam em um lugar celeste, *Topos Ouranos*, em perpétua contemplação das ideias, sem esforço algum. Estas almas, ao virem à vida, esquecem as ideias, mas como estiveram antes no *topos ouranos*, bastarão algumas perguntas bem dirigidas para que recordem”.

As religiões orientais, por sua vez, referem o nascimento como uma queda da alma no plano de manifestação da vida concreta e, em alguns casos, essa queda ainda se torna mais profunda quando a alma encarna no corpo de algum animal (metempsicose).

Para as concepções materialistas do homem, esta queda a que se referem os textos sagrados, a tradição e a mitologia, não tem sentido e não deixa de ser mais que um relato ingênuo. Efetivamente, se o homem for concebido como o resultado de forças naturais fisioquímicas, não tem sentido falar de queda: onde haveria caído?

Em realidade, quando os antigos mitos falam de queda, referem-se a uma condição humana quase desconhecida hoje em dia: o homem - em relação-com-Deus. O que hoje chamamos homem ou humanidade é um aspecto desintegrado dessa unidade, um aspecto parcial que perdeu contato com sua fonte de origem. Nesse sentido, podemos falar do homem como um ser-caído.

Por que o homem perdeu contato com sua fonte divina de origem? Este é um problema que a razão humana, por si só, é impotente para resolver se não for iluminada através da Revelação.

Mas, como a Revelação não tem poder demonstrativo para os demais, nós não nos apoiaremos nela ao considerar o tema da queda, senão que tentaremos aproximar-nos dele desde outros pontos de vista.

Partindo de nossa própria existência, e através da angústia de viver separados da totalidade, podemos realizar o sentimento de que nossa vida individual está desvinculada do universo, do corpo da humanidade e ainda de nós mesmos. Isto é, da raiz essencial e divina que se pressente no mais íntimo do coração.

Através de uma intuição emocional deste tipo, os filósofos existencialistas modernos chegaram a formular novamente o eterno tema da queda, ainda que em termos mais racionais do que aqueles que conhecíamos nos textos sagrados ou na tradição primitiva.

Partindo da existência, não podem eles menos que considerar diversas categorias de existência, umas mais elevadas que outras, e admitem a possibilidade tanto de que o homem transcenda de uma inferior a outra superior, como de que se fixe em uma forma de existência degradada.

Por exemplo, Kierkegaard fala de esferas de existência (estética, ética e religiosa): a estética pode através do “salto existencial”, passar à esfera ética ou à esfera religiosa e, por sua vez, por perda da consciência e responsabilidade, pode descender de uma esfera superior a outra inferior.

Por sua vez, Heidegger fala de uma existência não autêntica e outra autêntica. A vida não autêntica (esforço para perder-se), fica reduzida à condição de coisa, é uma existência feita de abdições. É fugir de si mesmo, recusar-se a conhecer-se e

assumir sua própria condição de homem. Em lugar de um eu, é um “se”. Identifica-se com sua posição social, e o poder anônimo da massa dita sua conduta.

Ao cair de uma esfera de vida autêntica para uma não autêntica, degrada-se a própria vida, como se o homem perdesse sua verdadeira condição de homem e caísse em um plano de sub-humanidade.

Os psicólogos modernos também se ocuparam da queda do homem: falam do inconsciente como de um abismo regido por leis próprias e cuja potência subterrânea pode, em certas circunstâncias, absorver o eu e fazê-lo naufragar em suas águas procelosas.

Tampouco aos literatos escapou este tema. Goethe descreve magistralmente a queda de Fausto, e Wilde, a de Dorian Gray.

Muitos seres, hoje em dia, se dão conta de que podem ganhar ou perder sua condição de homens; de que podem chegar à plenitude de humanidade ou cair em um nível de sub-humanidade.

O homem leva em si mesmo as forças instintivas do mundo animal e os germes de aspirações divinas: a alternativa existencial muitas vezes é proposta entre, ser absorvido pelas primeiras ou ser exaltado pelas segundas.

Apesar do desenvolvimento da mente racional, boa parte da espiritualidade do homem ainda permanece adormecida. E Frankl tem razão quando fala de um inconsciente espiritual, como de uma potência que dorme no fundo da alma. O despertar à vida espiritual não significa deixar de ser homem para transformar-se em puro espírito, ideia pura ou anjo - mas dar testemunho da luz espiritual na vida, junto aos demais homens.

Assim como no homem atual há um predomínio dos aspectos instintivo-rationais, se pressente que o homem futuro há de ter harmonia entre os valores

humanos e divinos e chegará ao pleno direito da autonomia do pensamento e do sentimento.

Dois tipos humanos se perfilam na humanidade de nosso tempo e se pode falar de homens novos e homens velhos.

Seria tema de grande interesse para uma tipologia humana do futuro, um estudo sobre as características destes dois tipos que aqui só esboçamos.

Assim como se fala do homem de Neandertal e do homem de Cro-Magnon como tipos superados do passado, podemos falar hoje do tipo desintegrado, personalista e centrífugo do presente e do tipo integrado, individualista e centrípeto-centrífugo do futuro.

O primeiro tem um pensar em linha reta e seu credo é a posse. O segundo tem um pensar em linha curva e seu credo é a renúncia. O primeiro pretende constituir-se dentro do universo como um poder pessoal, independente. Enquanto que o segundo não vacila em realizar seu próprio fracasso para que triunfe uma forma mais uniforme de pensar e de sentir na humanidade. O primeiro pensa ou sente em forma antagônica; no segundo, existe um pensar-sentir que se integra em uma ação consequente.

Enquanto o primeiro tipo se funde na massa anônima mais ou menos obscurecida, o segundo está tentando conquistar a harmonia entre os aspectos racionais e superracionais de sua natureza.

Hoje em dia, o verdadeiro homem é um ser que tem consciência não somente de seu mundo instintivo e racional, mas também de seu mundo transcendente: a verdadeira condição humana está dada por essa conjunção do natural com o sobrenatural e isto supõe um despertar. Quantos seres se encontram em um estado de sub-humanidade!

Quantos seres têm, hoje em dia, mente própria? Quantos homens pensam por si mesmos? Em troca, há uma multidão de seres que não fazem mais que repetir, em forma de eco, o que outros já pensaram.

Agora, um homem sem mente própria pode ser verdadeiramente chamado de homem? A condição humana supõe ter uma mente própria, isto é, uma mente capaz de captar a verdade por si mesma.

Mas, não somente a mente está desumanizada, em boa parte do mundo atual, mas também o coração. Muitos homens só sabem amar de forma possessiva, apropriando-se do que amam.

Na ordem das relações interpessoais, quando um ser quer apoderar-se de outro e utilizá-lo como coisa, dizemos que essa relação se desumanizou.

O mesmo ocorre em relação ao sexo: se o instinto só se dirige a um objeto humano para possuí-lo e este depois é descartado, trata-se de um sexo desumanizado. Enquanto que a sexualidade propriamente humana não degrada a pessoa amada e não a reduz à condição de coisa.

Ainda na ordem dos ideais, dos “princípios”, se dermos a eles a totalidade de nossa vida, faremos idolatria e cairemos - em maior ou menor grau - em um plano de desumanização.

Onde está aqui a degradação? Na entrega ao objeto, da parte mais essencial do sujeito.

O preceito bíblico “Não terás deuses estranhos diante de mim” tem maior profundidade do que habitualmente lhe é concedida. E supõe que exista no homem, uma intimidade que só a Deus pertence.

Quando damos essa parte mais nobre aos demais seres, às ideias, à política, o que estamos fazendo é uma entrega de nós mesmos - perdemos nossa alma, ou melhor, perdemos nossa condição de homens.

Ser-homem não significa somente manter uma relação com o mundo exterior, mas manter também uma relação com o espírito que vive em nós. E, para isso, é necessária uma reserva de vida interior. A exclusiva vida exterior dessangra o indivíduo, aniquila-o e o destrói em sua parte mais essencial. A entrega da mente e do coração à sociedade humana, às ideias, às crenças, desumaniza o homem e o priva de uma relação anímica com a divindade oculta em seu próprio ser, e o priva da conquista de um valor espiritual que é o único que pode redimir a natureza e dar-lhe a plenitude de humanidade.

# QUINTA CONFERÊNCIA

25 de julho de 1958

## DESORIENTAÇÃO VITAL

Ortega e Gasset, em seu livro “O tema de nosso tempo”, cuja primeira edição foi publicada no ano 1923, ao apontar as características fundamentais da época em que vivemos, diz textualmente o seguinte:

“Pouco a pouco, vai se estendendo por áreas cada vez mais amplas da sociedade europeia um estranho fenômeno que poderia ser chamado de “desorientação vital”. O homem ocidental padece de uma radical desorientação, porque não sabe em direção a quais estrelas deve viver”.

Nos últimos 35 anos, este fenômeno - que Ortega e Gasset apontava como estranho - foi se acentuando de forma alarmante e se estendendo às diversas camadas da sociedade moderna. De tal forma, que hoje em dia constitui um dos problemas íntimos fundamentais que angustiam os homens de nosso tempo.

Por outro lado, o espetáculo que hoje é oferecido pela cultura contemporânea, na qual cifrávamos tantas esperanças, é realmente desolador: estamos assistindo ao naufrágio de uma velha cultura e ainda não se percebe com clareza o horizonte da nova. Em todas as ordens, percebe-se a decadência e a confusão entre as ideias mais opostas.

No campo religioso, existe decadência e materialização das instituições tradicionais. E, ao mesmo tempo, novas doutrinas e profetas que anunciam novas mensagens reveladas.

No campo político, as ideias se agitam entre as direitas ou esquerdas: mas, sobretudo o divisionismo entre os partidos, tradicionalmente mais unidos, e uma

certa convicção de que a política que conhecemos é impotente para resolver os grandes problemas da vida social humana. Ortega e Gasset se antecipou em muitos anos ao que hoje em dia muita gente pensa e admite acerca dos políticos:

“Preferem servir sem fé sob bandeiras desbotadas, a cumprir o penoso esforço de revisar os princípios recebidos, pondo-os em conformidade com seu íntimo sentir. Dá na mesma que sejam reacionários ou liberais: em ambos casos, ficam para trás. O destino de nossa geração não é ser liberal ou reacionária, mas precisamente o de desinteressar-se por este antigo problema”.

No campo econômico, as doutrinas se debatem entre o capitalismo e o comunismo, o liberalismo e o protecionismo - e tantos outros “ismos” que pretendem resolver o problema econômico do homem com equações numéricas e fórmulas parciais, desconhecendo as necessidades totais, materiais e espirituais do homem. Quando se busca o que se chama “soluções econômicas”, atende-se somente o pão material, mas se desconhece o valor realizador que o trabalho e a economia têm para o homem.

No campo social, as ideias oscilam entre individualismo e coletivismo, resultando ambas insuficientes para dar resposta à problemática integral do homem, e deixando sempre o campo aberto a novas “utopias sociais”.

No campo científico as esperanças de Augusto Comte e dos racionalistas de substituir as velhas fórmulas religiosas por concepções da vida, cientificamente fundadas, não tiveram êxito.

Quando a ciência pretende arvorar-se em reitora da conduta, revela sua insuficiência, pois não pode dar resposta aos problemas últimos.

As tentativas de substituir a velha moral dogmática através da ética racional sem dogmas, ou a concepção religiosa da vida por uma ciência psicológica da

conduta humana, têm valor heurístico, mas levam finalmente à desorientação. Pois, cada um tende a orientar sua vida de acordo com suas próprias tendências. Ainda um psicólogo como Freud, que conhecia tão a fundo a natureza humana, se detém quando se trata de dar orientações frente à vida e diz:

“Careço de valor para levantar-me como profeta ante meus semelhantes porque não sei oferecer-lhes consolo algum. Esse consolo que todos exigem, desde o revolucionário mais selvagem até o mais bravo crente”.

E o que diremos da filosofia? Se a ciência trata somente das causas imediatas, poderíamos pensar que a filosofia, cujo objeto formal são as primeiras causas, poderia dar essa resposta que a problemática vital do homem reclama. Porém, aqui também as doutrinas oscilam entre essencialismo e existencialismo, entre idealismo e realismo, etc.

A intuição dos filósofos atuais, ao tomar mais contato com a vida, chegou a concepções magníficas, mas sempre parciais, pois não existe filosofia que possa constituir-se, de per si, como uma ciência de salvação.

Como orientar-se entre todos estes valores contraditórios da cultura atual? Qual é o valor que está mais abaixo? Onde está o Norte e onde o Sul, na bússola de nossa apreciação dos valores da vida?

Em primeiro lugar devemos dar-nos conta de que estamos vivendo uma época de grandes transformações e que o único que se percebe, aparentemente, é um sopro de destruição.

Ao referir-se à situação atual, Tolstoi diz o seguinte: “Senti que havia rompido aquilo em que me havia apoiado e que tinha sob os pés. Já não existia aquilo sobre o que havia vivido e já não me ficava nada sobre que viver”<sup>4</sup>.

Em meio a esta grande crise transformativa da sociedade humana, existem seres que se perdem e outros que podem constituir a humanidade do futuro. Os menos dotados sofrem de uma série de desequilíbrios. Mas, para os mais fortes espiritualmente falando, a crise da atual cultura oferece a excelente oportunidade de dar um salto e localizar-se nas fileiras dos homens do amanhã. Não é estranho que Simone Weil tenha dito: “Não poderias haver nascido em melhor época que esta, na qual todo foi perdido”.

Vejamos alguns destes aspectos positivos da devastação cultural.

No campo religioso, o ateísmo só varre com os falsos valores religiosos, mas deixa intacta a moral íntima.

O materialismo dos costumes destrói os moldes de uma ética artificial, baseada no temor e na repressão, para dar passagem a formas mais espontâneas de viver.

A crise política revela a muitos seres que os paraísos utópicos, prometidos pelos sociólogos, não vêm como graça, mas que é preciso conquistá-los através do esforço consciente de todos.

A crise econômica revela a insuficiência de doutrinas parciais e entrevê uma economia de participação livremente escolhida.

Por último, a crise da razão, ao descobrir seus limites, predispõe muitos homens a dar o salto do racional ao supranacional.

---

<sup>4</sup> Ayhmer Maud . “Vida de Tolstoi”

## **SEXTA CONFERÊNCIA**

**8 de agosto de 1958**

### **QUEDA E REDENÇÃO**

Ao chegar ao termo deste Curso, faremos um breve resumo dos conceitos expostos nas conferências anteriores.

Na primeira conferência acerca da angústia existencial, destacamos a condição do homem atual como um ser-angustiado, que clama por uma “ideia única”, em meio à multiplicidade das ideias, e que clama mais por verdades de salvação que por verdades de conhecimento.

Na segunda conferência, tratamos do problema da solidão do homem na comunidade social e dizíamos que o sentimento de sentir-se só não pode ser preenchido através de nenhuma organização coletiva, mas através de uma mística, isto é, por um amor superior que permita ao homem estabelecer uma comunidade essencial com os demais.

Na terceira conferência, abordamos a problemática sexual e destacamos, junto às funções reprodutiva e de prazer do sexo, uma terceira função evolutiva - em que a energia sexual pode ser posta a serviço do desenvolvimento consciente do homem.

Depois, tratamos do tema da “queda” e apontamos a alternativa existencial crítica de ganhar ou perder a própria condição de homem e cair, neste último caso, em um plano de sub-humanidade.

Na quinta conferência, abordamos o tema da desorientação vital que afeta muitíssimos seres na sociedade contemporânea. E dissemos que a cultura atual, que atravessa uma crise de desumanização, não está em condições de oferecer ao homem um norte em direção para onde dirigir seus esforços.

Uma vez examinadas todas estas questões, nesta última conferência vamos nos propor as seguintes perguntas: pode este ser angustiado, desintegrado, desorientado e caído, encontrar esse fio de Ariadne que lhe permita sair do labirinto da multiplicidade de ideias em que se encontra? Pode o homem que se encontra separado do corpo da humanidade encontrar a palavra perdida que lhe permita chegar a uma verdadeira comunicação com os demais homens? E, em meio à tempestade que arrasa com os valores culturais atuais, pode salvar-se e encontrar esse novo ponto de estabilidade – o encontrar essa nova bússola, por meio da qual possa reconstruir uma nova ideia? Em uma palavra: pode o homem atual reencontrar-se consigo mesmo?

Existem duas categorias de resposta para este interrogante, as quais podemos qualificar de: respostas imanentistas e respostas transcendentalistas.

### **Respostas imanentistas (humanismo)**

Nelas, a liberação é obtida pelo esforço do homem, valendo-se de seus próprios meios.

Vejamos alguns destes meios, que são postulados como liberadores:

1. **A liberação através da cultura**, através do progresso constante do homem. Bem sabemos que o progresso encontrou alguns meios de felicidade, mas não pode liberar o homem de sua própria escravidão. Nestes últimos tempos, a ideia de progresso perdeu prestígio e não tem o valor mágico que lhe era conferido no século passado. Diz Gurdjieff a respeito:

“Os problemas que são propostos à inteligência contemporânea, nos múltiplos domínios em que são exercidos, quer se trate de sociologia ou física nuclear, não são problemas de progresso. Já faz alguns anos que a ideia de progresso morreu no

ocidente: são problemas de mudança radical de estado, de transmutação”.

2. **A liberação através do autoconhecimento.** A luz natural da inteligência, em lugar de dirigir-se para fora, para conhecer o mundo exterior, se dirige para dentro. Mas, nem por isso deixa de ser luz natural e de ter, portanto, alcance limitado.
3. **A liberação através da psicanálise** ou de outras técnicas similares. pode procurar liberação da energia, retida no subconsciente, mas está muito longe de ser um meio para a liberação integral do homem - e longe do conhecimento real de si mesmo.
4. **A liberação através da angústia** (tese existencial). É uma concepção magnífica, mas somente descritiva do que ocorre. Isto é, trata-se de uma compreensão racional de um processo, em cujo determinismo intervêm fatores impossíveis de reduzir a termos de razão.

Supõe o salto de uma esfera de existência a outra, através de certas condições que predispõem a esse salto (que pode se produzir ou não). Tais condições, produzidas em uma esfera inferior: náusea, fracasso ou ironia, determinam uma ressonância na esfera correlativa superior, de tal forma que “um novo raio do alto” faz impacto na esfera inferior, fornecendo a energia necessária para o salto.

Esta é uma concepção muito interessante, uma tentativa de racionalização sistemática. Mas é preciso cuidar-se para não cair na ilusão de um mecanismo que funcione automaticamente. Verneaux, em sus lições de existencialismo, diz a respeito:

“Apoiar-se na quietude e na angústia para elevar-se até Deus, é um “método de imanência” e tem como precursores santo

Agostinho, Pascal, Blodell..., mas é suficiente? Supõe homens de boa vontade e que busquem realmente”.

O comum é que o homem angustiado se detenha em sua angústia que de per si carece de força redentora. Ou que se detenha na náusea ou no dever...

Em resumo, as respostas imanentistas tropeçam com muitas dificuldades para a explicação de uma liberação do homem através de seus próprios meios, ainda que racionalmente elas gozem do favor de muita gente, sobretudo dos ateístas intelectuais. Parece muito lógico o seguinte raciocínio: “se o homem caiu devido a uma vontade fraca (pecado), pode levantar-se através da aplicação dessa mesma vontade ao bem” (isto supõe, desde o ponto de vista teológico, a eliminação da Redenção Crística). Simone Weil, referindo-se a esta tese diz: “Tentar esta liberação com minha própria energia, seria como uma vaca que puxa a corda e cai de joelhos”.

### **Respostas transcendentalistas**

**As autotranscendências.** Reconhecem a existência de uma divindade transcendente, mas supõem que todo homem, de per si, e sem necessidade de Igreja ou de Mestre algum, pode chegar a pôr-se em contato com essa fonte divina transcendente. É o caso de Huxley e a mescalina e, em geral, do tecnicismo espiritualista que dizem que - através do domínio de uma técnica secreta - se consegue o despertar ou a iluminação. A técnica, por perfeita que seja, não é suficiente, como meio de per si, para lograr a liberação. E, a este propósito, cabe recordar o provérbio chinês: “Se os meios corretos forem empregados pelo homem incorreto, esses meios corretos atuarão incorretamente”.

### **Respostas baseadas no esforço humano e na condescendência divina**

**O mistério da Redenção.** Todas as respostas baseadas em um esforço exclusivamente humano (doutrinas de imanência e de autotranscendência) - como direito exclusivo do homem a ter um contato direto com Deus - mostram-se

insuficientes para a realização do divino. E, no máximo, predispõem a um mistério maior. Ainda que todas as condições sejam reunidas por parte do homem, este por si só não pode determinar sua união com Deus. O próprio Krishnamurti, paladino moderno da autorrealização, no final de suas palestras sempre diz: “se fizerdes tudo isto, então, pode ser que realizeis Aquilo”. Deixando sempre um *quantum* ou um X, para o que teologicamente é chamado de **Redenção**.

Tanto em Cristo quanto em Buda, ainda aceitando o valor do esforço humano, sempre fica intacta a Graça Divina que se derrama no discípulo no momento oportuno e produz a real transformação dos valores humanos em divinos.

